

Património

21

QUINTA-FEIRA
28 de Outubro de 2004

Diário do Minho



Capelas
Amares

Capelas de Santa Luzia e da Levada afectas a dois grandes solares

Francisco de Assis
e José Carlos Ferreira

As Capelas de Santa Luzia, em Ferreiros, e de Nossa Senhora do Livramento, em Prozelo, são dois pequenos templos que foram construídos por proprietários de dois grandes solares do concelho de Amares. A primeira pertencia à Torre de Honra de Vasconcelos e a segunda é parte integrante do Solar da Quinta da Levada.

A actual Capela de Santa Luzia é, segundo diversos historiadores, uma reedificação de uma anterior que se supõe ter sido de estilo românico. Na sua fachada existe uma inscrição epigrafada que dá conta dessa reedificação e nela pode ler-se "Esta Capela he sagrada e segunda vez reedificada tem reliquias no altar & indulg".

O Instituto Português do Património Arquitectónico salienta que «as cruzes de malta, que ladeiam esta inscrição, apontam para a existência de um templo primitivo, que possivelmente pertenceria à Ordem de Malta».

Domingos M. da Silva, na sua "Monografia do Concelho de Amares", diz constar-se que, «em tempos recuados, se juntaram aqui três preladados existentes na Família de Vasconcelos, os quais procederam à sua sagração».

«Na fachada da capela notam-se a descoberto uns ornatos em relevo, forma cruz de trevo de quatro folhas, restos da primitiva construção, que foi a românica, como a do velho e arruinado solar», acrescenta.

Nas memórias paroquiais de 1758, estudadas por José Viriato Capela e Fernanda Rocha, o pároco de Santa Maria de Ferreiros relata que «no lugar de Vasconcelos, onde se acham as ruínas situadas de hum grande castello ou torre, onde foi o solar da ilustríssima família dos Vasconcellos deste Reino, está huma cappella de invocam de Santa Luzia que hé tradisam vulgar fora sagrada e se acha com os sinais nas pedras em

A edição de hoje do "Património" é dedicada às capelas de Amares. Templos que espelhavam a tradição cristã da região, mas também a ostentação, opulência e luxúria de alguns senhorios. A devoção enriqueceu o património religioso, arquitectónico e cultural do concelho.

A sua beleza, a antiguidade, a qualidade arquitectónica e a existência de documentação motivam a escolha de uma ou outra capela, sabendo que nem todas podem ser incluídas.

Por ser o último suplemento sobre o concelho, vale a

pena assinalar a disponibilidade daqueles que tornaram mais fácil o nosso trabalho em Amares. Além dos responsáveis dos monumentos, uma palavra para o presidente da Câmara José Barbosa, Anabela Costa e João Ferreira, técnicos da autarquia e Emanuel Magalhães, vereador do Turismo.

A sua disponibilidade foi além do dever profissional. Daí o nosso reconhecimento, pela consciência do dever de preservar, recuperar e enriquecer o património que é de todos.



Junto à Capela de Santa Luzia já se realizou uma feira

forma de cruz que costumam ter as tais igrejas sagradas».

O abade António de Sousa de Alvim conta ainda que «costumam vir em romaria a esta cappella pelo Natal e suas oitabas beijando as tais pedras com a tradisão de alcançarem indulgencias por onde se prezume fora sagrada naquelles dias; hé a santa mais milagroza e no dia de Santa Luzia concorre muinto povo [em] hum pequeno terreiro faz uma feira piquena lembrança

da grande que dizem fora antigamente».

Capela da Senhora do Livramento

Rumando agora até à freguesia de Prozelo, encontramos a Quinta da Levada que possui uma capela dedicada a Nossa Senhora do Livramento. Este templo é também uma reedificação. A capela primitiva foi mandada construir em 1672 na Quinta do Porto, isto é, num

local diferente de onde se encontra agora. A sua história é contada por Carina Macedo, no trabalho intitulado "Solar da Levada". Segundo explica, este templo teve a sua razão de ser num episódio vivido por António Rebelo Borges.

O marido da herdeira da Quinta da Levada, conta, «entrou em conflito à porta do concelho de Amares (na Ponte do Porto), e com a confusão dos populares, os dois tiros a ele destinados não lhe acertaram». «Fugindo para o adro

da igreja, foi seguido por Luís Machado, que o pretendia matar. No entanto, a clavina de Luís Machado não disparou e António Rebelo Borges, na posse de uma outra clavina, e em legítima defesa matou Luís Machado. Vendo-se assim como culpado desta morte, prometeu mandar erigir uma capela em honra de Nossa Senhora do Livramento caso sáisse "livre" deste incidente», acrescenta.

Assim, em 1672, António Rebelo Borges mandou construir a capela na Quin-

ta do Porto, num lugar baixo e escuro, junto a um olival. Em 1674 pediu à Igreja a licença para o seu funcionamento. Na ocasião, foi realizada uma grande festa e no final do jantar, o pároco esqueceu-se de passar a certidão que permitia o uso da capela.

Mais tarde, em 1725, Belchior Azevedo Vasconcelos, genro de António Rebelo Borges, pediu a transferência da capela para junto da Casa da Levada, onde se encontra actualmente.

Santo Ovídio e São Pedro vigiam a vila de Caldelas

No alto do monte de S. Pedro de Fins, Santo Ovídio e São Pedro, cada um com a sua capela, vigiam a vila termal de Caldelas. Até sensivelmente metade da subida, o visitante conta com estrada em boas condições. O pior vem depois. A terra batida, muitas vezes rasgada pelas águas da chuva, torna o resto da subida penosa, sobretudo para os trabalhadores da empresa piro-técnica que ali labora, para muitos dos amantes do parapente e até mesmo para os caçadores.

Saindo da vila de Caldelas em direcção à freguesia de Paranhos, encontra-se à direita, antes de chegar a esta povoação, a estrada de terra batida. No topo do lugar de Sernadela e numa plataforma natural da encosta está a Capela de Santo Ovídio, que foi o terceiro Arcebispo de Braga.

Trata-se, segundo o IPPAR, de um templo de estilo barroco, cuja planta se inspira «num modelo da tratadística da obra de Sérlio, havendo uma aproximação à Capela de Nossa Senhora de Guadalupe, em Braga, e à igreja brasileira do Rosário dos Pretos, em Ouro Preto, projectada por António Pereira de Sousa Calheiros, natural de Braga.

A história da Capela de Santo Ovídio começa no



O projecto da Capela de Santo Ovídio veio do Brasil

Brasil, com todas as pirâmidas, simalhas e perfis, cunhais e grossuras de parede e alturas e abobodas declaradas nas ditas plantas e também as armas e letras nele declaradas».

Assim, a capela terá sido feita exactamente segundo os preceitos do encomendador, residente no Brasil, e inaugurada em 1739, como atesta o escudo do portal principal, substituindo uma pequena ermida que ali existia. No seu interior realçam-se as abóbodas rebocadas e pintadas de branco e o retábulo-rom joanino. A romaria de Santo Ovídio celebra-se a 3 de Junho. Segundo Domingos Rodrigues, no seu livro «Caldelas em 3 Dimensões», «trata-se de uma romaria muito simples», que reúne pessoas que ali se dirigem para cumprir promessas a Santo Ovídio, «invocado nas redondezas contra as doenças dos ouvidos».

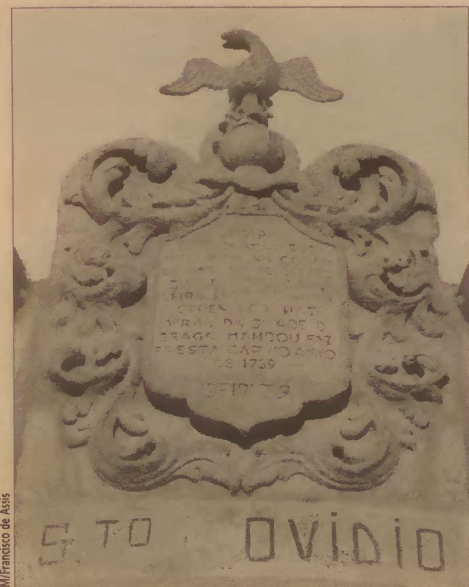
S. Pedro de Fins

Continuando a nossa subida, encontramos no topo do monte a capela de S. Pedro de Fins, que foi reedificada em 1869 e divide as freguesias de Caldelas e Caires. Domingos Rodrigues afirma que «devido à sua posição de-

sabrigada no cume do monte, a ermida sofria grandes estragos com o rigor dos ventos e das invernias que lhe arrancavam as telhas, deterioravam as paredes e despedaçavam as portas, expondo-a à profanação dos pastores que a transformavam, por vezes, em abrigo dos rebanhos». «Foi por isso que, em 1950, os párocos de Caldelas e de Caires tomaram a iniciativa de cobrir a ermida com uma placa de cimento e de a fechar com portas revestidas de chapa de ferro», acrescenta.

A romaria de S. Pedro de Fins realiza-se no primeiro domingo de Agosto e, como a capela é meeira, a festa cabe a Caldelas e a Caire em anos alternados, verificando-se entre as duas freguesias um despique muito antigo.

Domingos Rodrigues realça ser curioso observar que os romeiros, para além de oferecer dinheiro a S. Pedro, também têm o costume de dar um ou dois frangos conforme as promessas. «Na tradição da oferta dos frangos não parece muito difícil descobrir uma certa referência ao cantar do galo que despertou S. Pedro na trágica madrugada de Quinta-feira Santa», acrescenta o autor.



Na fachada está a pedra que indica o patrocinador da obra

início da década de 30 do século XVIII, quando José Alves de Azevedo envia do Brasil um documento nomeando procuradores em Braga João Carneiro e o padre Matias Soares Pereira, para em nome dele mandarem «fabricar uma capela do Senhor Santo Ovídio». A 16 de Novembro de 1735 é lavrado num tabelião de Braga um contrato de pedraria entre José Simões e o sacerdote, em nome de José Alves de Azevedo residente no Brasil, e os mestres-pedreiros João da Costa e Domingos Gonçalves Saganha, para a construção da capela pelo preço de «um conto e duzentos mil réis». Segundo Manuel Rocha, no seu livro «A Capela de Santo Ovídio de Caldelas: um projecto vindo do Brasil», o documento obrigava os mestres a realizarem a obra «na forma das plantas que vieram do dito estado do



A Capela de S. Pedro de Fins foi reedificada em 1869

Igreja de Santiago de Caldelas patrocinada por D. João V

Sabemos que a igreja paroquial de Santiago de Caldelas não é nenhuma capela, mas esta foi a única forma que encontramos para falar de um monumento do século XVIII, que foi feito graças «à magnanimidade do rei D. João V que lhe deu uma provisão de seiscentos mil reis», como refere Domingos Rodrigues, na sua obra "Caldelas em 3 dimensões".

A actual igreja não tem nada a ver com a construção primitiva. Domingos Maria da Silva, na publicação "Monografia do Concelho de Amares" baseado em notícias do padre Gonçalves de Brás, diz que a «pequena igreja paroquial foi reedificada em 1749. A torre foi acrescentada em 1857.

Além da avultada verba proveniente dos cofres de sua majestade, a construção da igreja deveu-se também à generosidade de dois beneméritos da freguesia de Caldelas; António Sebastião Marinho Falcão, administrador do vínculo de Lamoso, da Casa Solarenga de Lamoso, que ofereceu trinta mil reis para obras na igreja paroquial de Caldelas, mais concretamente para a construção do coro; e António Simões Santiago, do lugar de Cimo da Vila que ofereceu a quantia de 60 mil reis.

No interior, particular-



Igreja de Santiago de Caldelas, construída no século XVIII

tamanho que o corpo da igreja.

Segundo Domingos M. da Silva, no coro ainda se podem notar reminiscências do século XVII, confirmando-se que, de facto, em 1749 houve uma reedificação e não construção rova. No exterior, o frontispício é também joanino, e sobressai a figura do padroeiro Santiago Maior, cuja festa se celebra no dia 25 de Julho.

Em relação às peças de valor, é de salientar a imagem de Cristo Crucificado, tamanho natural, feita no século XVIII; duas cruzes de prata que abrem as processões, uma reliquia do Santo Lenho, entre outras.

A pia baptismal, de granito cor de rosa, oitavada, certamente bastante artiga, também merece uma referência.

Em Caldelas, vale a pena ainda citar a capela da Casa de Lamoso, dedicada à Nossa Senhora da Misericórdia.

S. Marta da Portela do século XVII

Apesar de não estar classificada, a Capela de Santa Marta, no Lugar de Cabo da Vila, em Portela, merece uma atenção especial da Direcção Geral dos Edifi-

cios e Monumentos Nacionais (DGEMN), certamente pela sua antiguidade. No site desta instituição pode ler-se que a capela foi construída em finais do século XVII e dois séculos depois foi colocado o retábulo-mor.

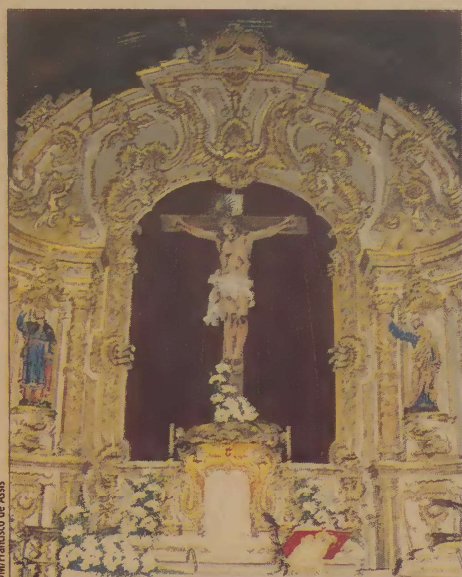
A capela é do estilo barroco, mas já com fortes influências neoclássicas. Tem nave única e fachadas enquadadas por cunhais apilastrados coroados por pináculos piramidais.

O pequeno templo está à face da Estrada Nacional 308. O exterior é simples, de forma rectangular, com porta única, duas pequenas janelas e frestas de arejamento.

No interior, sobressai o tecto de madeira, em abóbada, pintado de branco, com painéis simulando caixotões.

As paredes são reboçadas, enquanto que a parede de testeira é integralmente preenchida pelo retábulo-mor, em talha policroma, com marmoreados a verde, amarelo, castanho e azul, pontuada a dourado, «sendo ainda visíveis os balaustres de bolacha originais embebidos na guarda», pode ler-se no site da DGEMN.

A tribuna é em arco de volta perfeita, com trono com crucificado, ladeado por duas colunas coríntias.

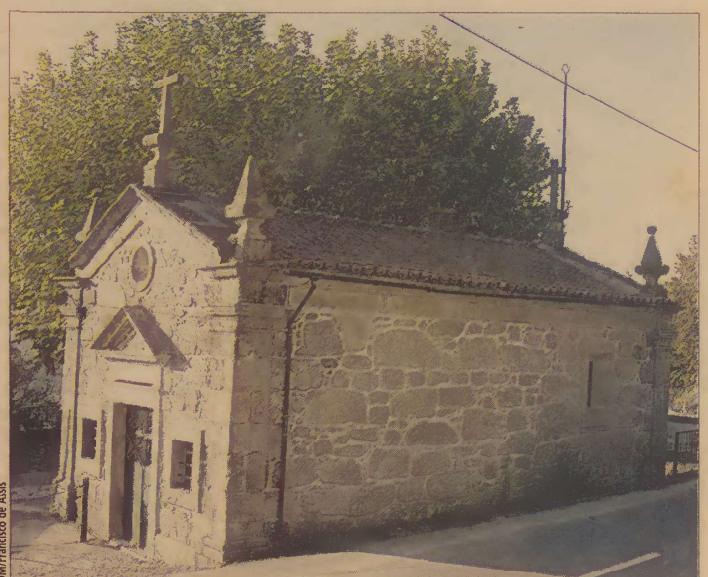


Altar-mor de S. Tiago, com traços barrocos

mente na capela-mor, são bem visíveis os traços barrocos. A simetria, bem definida, é mais uma característica barroca bem patente.

Na nave há quatro altares, cheios de imagens bonitas, que também foram restaurados ao gosto da época de D. João V. Entre as imagens, realce para o Sagrado Coração de Jesus, da autoria do escultor Vieira Bracarense e a de Nossa Senhora do Rosário com o Menino ao colo, do século XVIII.

O estilo joanino estão presentes no interior da igreja também pelo estilo das sanefas. Em 1937, o templo sofreu uma grande intervenção a todos os níveis. Mais recentemente, a capela-mor foi ampliada, ficando quase do mesmo



Capela de Santa Marta, em Portela

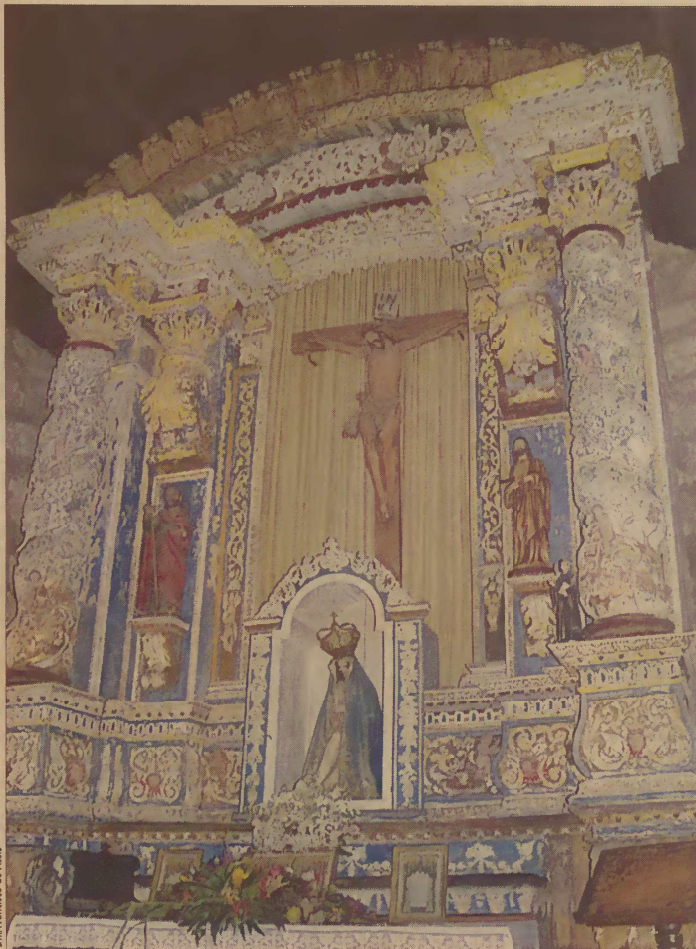
Retábulo da capela da Tapada é o barroco no seu esplendor

A Capela de Nossa Senhora da Guia, na Quinta da Tapada, onde residiu o poeta-lavrador Francisco Sá de Miranda; é uma das mais antigas do concelho. Apesar de ser linda também no exterior, é o interior que chama a atenção dos visitantes, particularmente a exuberante talha, com o barroco no seu esplendor.

São três altares, todos de grande beleza, com pormenores que realçam o estilo barroco na sua verdadeira pureza, ainda que os trabalhos não tenham sido feitos no auge do barroco. Antes de mais, dizer que a capela é muito mais antiga.

O altar-mor, dedicado a Nossa Senhora da Guia, padroeira da capela, terá sido feito entre os séculos XVIII e XIX; a talha do altar do lado da epístola, [lado direito], também com imagem antiga de Nossa Senhora da Guia terá sido construída mais ou menos na mesma época e, provavelmente pelo mesmo artista. Na parte superior do altar foi colocado um brasão de armas. No lado do Evangelho, [lado esquerdo], o altar foi dedicado a Nossa Senhora de Fátima.

Todos os altares estão a precisar de obras com urgência, principalmente



Altar de Nossa Senhora da Guia, muito bonito

templo com esta invocação. A Casa da Tapada teve, em tempos, duas capelas: uma com a invocação de Nossa Senhora da Guia, edificada em 1589, por Francisco de Sá Menezes e a sua primeira mulher D. Antónia de Carvalho de Montarroyo; e outra sob a protecção de Nossa Senhora da Salvação.

Capela do neto de Sá de Miranda

A actual capela de Nossa Senhora da Guia foi mandada fazer por Francisco Sá Menezes, neto do poeta do Neiva, Francisco Sá de Miranda. No frontispício da capela está a inscrição que "Esta capela mandou fazer FR de SAA de Menezes 1615. Franquelim Neiva Soares, na sua participação no opúsculo sobre o V Centenário de Sá de Miranda", edição da Câmara Municipal de Amares, escreve esta data não se referindo ao fim das obras mas sim ao fim da parte arquitectónica. Aliás, segundo o mesmo autor, o templo foi construído entre 1592 e 1618, um tempo relativamente longo.

No interior da capela estão, entre outras campas, a do fundador da capela,

com o seguinte epitáfio: "Sepultura de Francisco SAA de Menezes, anno de 1633".

A capela passou por momentos bem difíceis, com várias reprimendas por parte dos visitantes, que ficaram com o coração comovido em duas visitas à Quinta da Tapada.

Actualmente, como já foi referido, apenas os altares estão mais carenciados de obras. Certamente que com o novo projecto turístico para a Quinta da Tapada, a capela também vai merecer outro cuidado, tanto mais que é de facto, um mimo de arte e vai ser visitada por mais gente.

Existem outras capelas públicas na freguesia de Fiscal. A mais importante é a de São Bento das Pedras, no lugar com o mesmo nome, de altar renascença muito bonito, actualmente completamente renovado. No altar, uma linda figura do Espírito Santo. Além dos trabalhos de pintura na talha e de outras obras no interior; e no exterior, toda a envolvente foi intervenção, dando dignidade a uma capela com história e beleza.

Em Fiscal, referência ainda para a Capela de Nossa Senhora Aparecida, particular, mesmo junto à estrada.



Altar de Nossa Senhora de Fátima, com brasão

os laterais, mas não deixam de ser belas obras de arte.

No entanto, estes altares são recentes relativamente à capela. Basta dizer que as referências aquando das visitas, no século XVIII eram francamente negativas, em que houve até ameaças de excomunhão.

O capítulo de visita de 1744 refere que esse altar não possuía qualquer retábulo; e o segundo capítulo de 1763 diz que havia apenas umas tábuas mal pintadas. Os visitantes deixaram o aviso que se não fosse nada, «em pouco tempo nem para albergaria servia».

Esta capela de Nossa Senhora da Guia ou da Tapada é, na realidade, uma das mais antigas do concelho. Terá sido construída em 1592. No entanto, sabe-se que este não foi o primeiro



Altar da Capela de S. Bento das Pedras, em Fiscal

Igreja de Bouro S.^{ta} Marta entre o barroco e o neoclássico

A igreja de Bouro Santa Marta terá sido construída no segundo quartel do século XVIII, e ampliada no século seguinte. No entanto, pensa-se que haveria uma igreja muito mais antiga, tendo em conta que o padroado desta foi dado por D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal.

Recorde-se que Santa Marta de Bouro ou Bouro Santa Marta já foi concelho, com importantes infra-estruturas, constituído pelas freguesias de Paredes Secas, Goães, Vilela, Santa Marta de Bouro, Santa Maria, Santa Isabel do Monte, Seramil e mais 32 freguesias de Valdozendo.

Além do foral de D. Afonso Henriques, em 1514, D. Manuel concedeu foral novo ao concelho.

O Mosteiro de Santa Maria de Bouro era a grande instituição que suportava e dinamizava o concelho. Com a extinção das ordens religiosas, em 1834, e a expulsão dos monges, a economia ressentiu-se imenso, a autarquia desmoronou-se. Assim, em 1853, algumas freguesias passaram para Terras de Bouro e outras para o concelho de Amares. Dois anos mais tarde, à excepção de Santa Isabel do Monte, todas as freguesias passaram definitivamente para Amares, como salienta Domingos M. da Silva, na sua obra



Igreja de Bouro Santa Marta, do século XVIII

"Monografia do Concelho de Amares".

Isto para dizer que, cer-

tamente, havia uma outra igreja com a invocação de Santa Marta. A actual igreja, a julgar pela data que está na porta da sacristia, foi concluída em 1756. Em 1958, Domingos M. da Silva falava de uma fenda na verga da porta principal, atribuída ao terramoto de 1755.

Entretanto, no fim do século XIX, a igreja esteve prestes a cair. Foi então que o padre João Manuel de Sousa, da freguesia de Seramil, resolveu fazer obras em todo o edifício. A capela-mor e as sacristias, que estavam perto do colapso, foram construídas de raiz; enquanto que o corpo do templo foi levantado em cerca de um metro, o mesmo acontecendo com a torre.

No exterior, o estilo barroco da igreja é visível, ainda que sem a exuberância típica. O mesmo se pode dizer do interior, onde a simetria está bem definida, particularmente nos altares.

Interior apreciável artisticamente

O interior do templo é apreciável artisticamente e apresenta um trabalho de talha de bom gosto, do período tardo-barroco e já com influências neoclássicas.

Domingos M. da Silva chama a atenção para a curiosidade da capela-mor onde, além do altar principal, tem dois altares laterais, dedicados a S. Pedro e a S. João Baptista, o que não é normal.

Quem entra na porta lateral, fica bastante impressionado com o trabalho de talha do estilo joanino, que abarca, o saneamento sobre o arco do cruzeiro e os dois altares laterais no corpo da igreja. Obras atribuídas ao exímio artista de Seramil António Manuel da Silva Gomes, familiar do autor da "Monografia do Concelho de Amares".

Nos altares, do lado do Evangelho, são invocados os Corações de Jesus e Maria; e ainda S. Bento, ou não estivesse numa zona de muita devoção beneditina. Do lado

oposto, no altar estão as imagens do Senhor dos Passos, da Senhora da Agonia e de Nossa Senhora de Fátima.

Na abóbada, pode-se ver um quadro emoldurado de altos relevos, com invocação de Marta e Maria, as irmãs de Lázaro, a família de Betânia, que Jesus tinha carinho especial. O tecto está decorado com interessantes pinturas.

O padre José Pereira Janella, pároco da freguesia, está à espera de obras na igreja. E, de facto, bem precisa.

Nesta igreja havia muitas confrarias, pelo menos meia dúzia, em 1958. Algumas delas muito antigas.

Em termos de riqueza da igreja, destaque ainda para quatro telas referentes aos quatro evangelistas, que terão sido pintadas em 1648, como se pode comprovar no reverso das mesmas.

Nesta freguesia de Bouro Santa Marta existem outras capelas, com destaque para a antiquíssima de São Bartolomeu, no lugar com o mesmo nome. Em 1981, João Alves Ferreira e Manuel Alves Ferreira, ambos emigrantes, patrocinaram o restauro do pequeno templo.



Altar com talha tardo-barroca, com traços neoclássicos



Capela muito antiga de S. Bartolomeu, na freguesia de Santa Marta

Capela da Senhora das Angústias tem culto ancestral

A Capela da Senhora das Angústias, na freguesia de Barreiros, é um templo que esteve ligado, desde 1220, ao Solar dos Barreiros, que, entretanto, já desapareceu. Segundo Nazaré Pinheiro, as referências a este pequeno templo são ancestrais.

Na Idade Média, os chamados "Quatro Cavaleiros do Apocalipse", isto é, a guerra, a miséria, a peste e a morte, deixaram as populações apavoradas que, agarrando-se à sua fé, viraram-se para Deus e para os santos da sua devoção.

Assim, no século XIII a capela pertença do Solar dos Barreiros tornou-se um local de culto e a imagem da virgem que presidia no templo assumiu o nome da Nossa Senhora das Angústias, «exprimindo desta maneira a própria angústia do povo que assistia impotente ao avanço desses quatro cavaleiros».

Os Barreiros, acrescenta, «comungando as mesmas preocupações e a fé dos seus rendeiros organizaram uma procissão de desagravo e agradecimento» que se foi repetindo ao longo de vários anos.

Com D. Afonso II no trono de Portugal, esta capela volta a ser lugar de renovada peregrinação. Contam os cronistas da época que o rei sofria de uma doença de pele, supondo-se



Igreja de Ferreiros



A Capela de Santa Marta fica junto ao Cávado

que era lepra. Os devotos da Senhora das Angústias rezaram pelo seu monarca naquela capela, organizando peregrinações para pedir a cura de D. Afonso II.

A Peste Negra de 1348 volta a dar nova força a este templo. Segundo Nazaré Pinheiro, «tendo alastrado do litoral para o interior, a região de Braga não chegou a ser atingida, pelo que nesta época recrudescer a devoção à Senhora das Angústias, tendo-se intensificado as marés humanas nas romarias anuais».

A mesma fonte adianta ainda que as primeiras referências à Capela da Senhora das Angústias como lugar de grande peregrinação aparecem em 1522. Nesse documento, acrescenta, faz-se referência às obras de reparação autorizadas, des-

tinadas a manter a dignidade do templo, incluindo ainda uma encomenda para mandar dourar um cálice.

Por fim, Nazaré Pinheiro afirma que a imagem da primeira padroeira da capela parece ter sido a da Senhora das Dores, que se encontra na sacristia.

Senhor da Saúde

Não muito longe de Barreiros, propomos um salto até à freguesia de Lago para visitar a Capela do Senhor da Saúde.

Segundo Domingos M. da Silva, na "Monografia do Concelho de Amares", este templo do lugar de Fonte-Cova foi local de grande devoção, tendo sido seu fundador Brás António Fernandes, que a mandou construir em 1833.

Reconstruída em 1859, foi nesta capela inicialmente constituído objecto de veneração um quadro que ainda lá se conserva. Nesta obra pode ver-se a imagem do senhor crucificado, dois bispos, o purgatório e parte

da história da fundação da capela. Domingos M. da Silva fala num segundo quadro que já não se encontra, pelo menos à vista, dentro do templo. Segundo conta, neste quadro conclui-se que foi o filho do fundador quem deu princípio a que a devoção do Senhor crucificado prosseguisse sob a invocação de "Senhor da Saúde" e que foi ele quem mandou, em 1871, restaurar o retábulo primitivo e construir o coro, custeando as despesas.

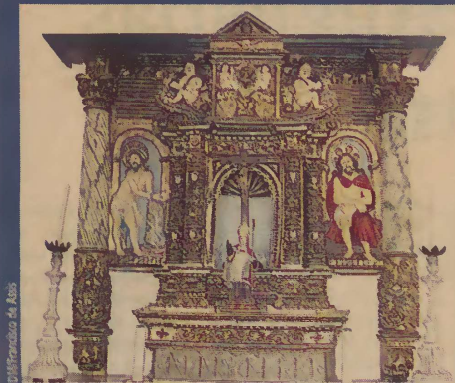
Santa Marta

Na mesma freguesia existe também a Capela de Santa Marta que se supõe ser muito antiga. Nas Memórias Paroquiais de 1758, o pároco afirma que esta capela «da invocação de Santa Marta, sita no lugar do mesmo nome distante do Rio Cávado um tiro de espingarda, tem a imagem de tal Santa» que «libra de maleitas a muitos enfermos dellas, que a e ella se ofereciam e a vezitavam».



Capela no anno de 1833 por Braz Antonio Feriz - filho desta freguesia da Regua. Reconstruída denovo pejos ficiis devotos do m Senhor da Saúde no anno de 1859.

Quadro que se encontra na Capela do Senhor da Saúde



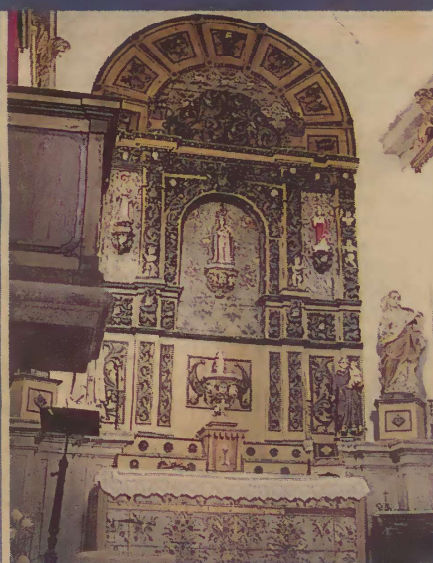
D.M. Francisco de Assis

A Capela de S. Brás, na freguesia de Rendufe, possui um retábulo antigo. Este templo já foi igreja matriz e ainda continua a centrar a devoção de muitos fiéis. Para breve prevê-se forrar a abóboda da capela a madeira



D.M. Francisco de Assis

A Capela de S. Pedro de Fins divide as freguesias de Caldelas e de Caires. A sua estrutura foi reforçada para "sobreviver" aos ventos e às intempéries do Inverno



D.M. Francisco de Assis

A Capela de Nossa Senhora do Livramento da Quinta da Levada foi recentemente restaurada pelo actual proprietário. Nela se conservam as imagens que se supõem serem originais. Nos altares estão, para além da padroeira, Santa Ana, S. Joaquim, S. Pedro e Santa Filomena

A Capela da Quinta da Tapada possui uma talha que se supõe ser do último quartel do século XVII. Actualmente, esta talha está a necessitar de algum cuidado e de ser intervencionado



D.M. Francisco de Assis



D.M. Francisco de Assis

Na freguesia de Figueiredo, a Capela de Santo Aleixo, que pertence ao solar com o mesmo nome, está em completa ruína. Apenas se conservam algumas paredes de pé e na frontaria continua presente a imagem em pedra do patrono



D.M. Francisco de Assis

Na freguesia de Torre encontra-se a Capela de Santo Amaro, à qual o primeiro marquês de Montebelo vinculou rendimentos. Nela se deveriam celebrar duas missas pela alma do marquês, uma no dia de S. Félix e outra na oitava de Natal